

Exposição de quadros de bancos federais, no Itamarati, recupera projeto de um museu de arte na capital

DF

O acervo de Brasília

Fotos Jamil Bittar

LEANDRO FORTES

BRASÍLIA — Um velho sonho do urbanista Lúcio Costa, acalentado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, começa a tomar corpo hoje, às 19h, no Palácio do Itamarati. Uma exposição de 150 telas dos mais famosos pintores brasileiros — retiradas dos acervos do Banco do Brasil, Banco Central e Caixa Econômica Federal — pretende recuperar o projeto de criação do Museu de Brasília, uma obra prevista na planta da capital, nos anos 50, mas que a falta de recursos e o descaso dos governos anteriores relegaram ao esquecimento.

O presidente Fernando Henrique Cardoso e uma multidão de diplomatas, empresários e políticos estarão presentes à abertura da exposição *Coleções de Brasília*, organizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Mas o ministro da Cultura, Francisco Weffort, conta mesmo é com a boa fama de artistas como Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Iberê Camargo e Tarsila do Amaral, para abrir os cofres da União e, até 1998, viabilizar a construção do Museu de Brasília — uma obra estimada em cerca de R\$ 80 milhões. Segundo o Ministério da Cultura, a única verba disponível até agora são R\$ 700 mil, para os estudos iniciais do projeto.

Uma exposição dos acervos artísticos dos órgãos federais não é, por si só, uma novidade. O fato novo dessa mostra é que, além de pretender estimular a criação do museu federal, reúne num só espaço — o Palácio do Itamarati — uma seleção de obras que pouca gente imaginava estar guardada nos gabinetes de bancos públicos. E é só uma parte: as obras foram escolhidas entre mais de mil trabalhos adquiridos por esses bancos, quase sempre como pagamento de dívidas ou fruto do espólio de empresas liquidadas judicialmente.

Somente do Banco Central, foram retirados 48 quadros, sendo 12 de Di Cavalcanti, dez de Cândido Portinari, seis de Tarsila do Amaral, seis de Alfredo Volpi, e dois do arquiteto Oscar Niemeyer. Da Caixa Econômica, foram selecionadas 75 telas, entre as quais *São João* e *Vendedor de frutas*, de Di Cavalcanti, e *Paisagem e Composição cubista*, de Tarsila do Amaral. Outras obras de Oscar Niemeyer — duas serigrafias — também fazem parte do acervo de 50 telas selecionadas do Banco do Brasil. Segundo dados do Iphan, o valor aproximado das 150 obras expostas é de R\$ 9 milhões.



Portinari está representado com quadros como *O gaúcho*, *Descobrimento e Cangaço*, enquanto Tarsila do Amaral tem *Trabalhadores* (à direita) entre as obras expostas no Itamarati, que marca a volta da campanha pelo Museu de Brasília, que estava no projeto original da cidade, de Lúcio Costa



MAIORIA MODERNISTA

O movimento modernista está bem representado na mostra *Coleções de Brasília*. Nascida na Semana de Arte Moderna de 1922, a manifestação marcou a ruptura da arte brasileira com o Academicismo. E teve como fio condutor a exposição, realizada em São Paulo, de obras de Lasar Segall, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro, Emiliano Di Cavalcanti, Cícero Dias, Alberto da Veiga Guignard e Oswaldo Goeldi. A tônica desta primeira geração era uma mudança radical na produção de então, com influências cubistas e surrealistas. A segunda safra, que teve nomes como os de Cândido Portinari, Alfredo Volpi e Tomás Santa Rosa, se voltaria para uma pintura mais convencional, com um forte acento nacionalista.

Em cada autor, a marca do Brasil

□ Cândido Portinari (1903-1962)

Será representado por dez painéis de uma série de 12 trabalhos encomendados por Assis Chateaubriand para decorar o prédio da revista *O Cruzeiro*. A figuração é toda ligada à história e à vida dos brasileiros. Os trabalhos são da fase de 1945 a 1956, nas técnicas de óleo e têmpera.

□ Tarsila do Amaral (1886-1973)

Exponente da pintura modernista, Tarsila foi uma das primeiras artistas brasileiras a se projetar internacionalmente. Fez parte do chamado "grupo dos cinco" da Semana da Arte Moderna de 1922, ao lado de Anita Malfatti, Mennotti del Picchia, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Notabilizou-se por justapor elementos simplificados ou geometrizados em suas telas.

□ Di Cavalcanti (1897-1976)

Caricaturista da revista *Fon-Fon* nos anos 20, Di Cavalcanti também foi idealizador e um dos principais protagonistas da Semana de Arte Moderna de 1922. Em 1953, junto com Alfredo Volpi, recebeu o prêmio de melhor pintor nacional. Na maior parte de sua obra, o personagem central é a mulher — principalmente a mulata, que, na opinião do próprio artista, representava a convivência pacífica entre as raças e culturas do país.

□ Alfredo Volpi (1896-1988)

Italiano que veio para o Brasil com apenas 2 anos de idade, Volpi foi também um dos mais famosos modernistas do país. Retrata, em sua fase naturalista, paisagens e naturezas mortas e marinhas. A partir da década de 70, passou a pintar quadros de temática única, como a conhecida série *Bandeirolas*.

□ Iberê Camargo (1914-1994)

O pintor gaúcho Iberê Camargo respondeu por um dos mais importantes capítulos do expressionismo brasileiro. Artista obcecado por sua arte, teceu sua obra com uma sempre polêmica visão de críticos e *machands*. Os traços fortes e quase cruéis de suas telas têm sido vistos mundo afora, como na Bienal de Veneza de 1962.